

ATENDIMENTO INFANTIL EM UMA CLÍNICA-ESCOLA DO INTERIOR DO ESTADO DO CEARÁ: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Data de aceite: 01/01/2023

Ana Isabelle Carlos Barbosa

Graduanda do curso de Psicologia e Gestão de Tecnologia da Informação pelo Centro Centro Universitário INTA - UNINTA. Atua como Técnica/Gestora de Ambientes Virtuais de Aprendizagem na Diretoria de Inovação Educacional do Centro Universitário INTA-UNINTA na modalidade de Educação a Distância desde 2018. Link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/5844943861210601>
Centro Universitário INTA - UNINTA, Sobral – CE, Brasil

Ana Ramyres Andrade de Araújo

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) – Campus Sobral. Mestre em Saúde da Família pela Universidade Federal do Ceará (UFC) – Campus Sobral. Professora do curso de Psicologia do Centro Universitário INTA – UNINTA. Link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/6151810891453992>
Centro Universitário INTA - UNINTA, Sobral – CE, Brasil

Germana Albuquerque Torres

Psicóloga, pedagoga, mestre em Psicologia. Atua como Diretora Acadêmica da Faculdade UNINTA Fortaleza. Integrante do Grupo de Pesquisas CNPQ Laboratório de Ciências do Cérebro e Aprendizagem

(LACCA). Link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/9126793017370432>
Faculdade UNINTA, Fortaleza – CE, Brasil

Isabela Cedro Farias

Graduada em Psicologia e Letras pela Universidade Federal do Ceará. Mestra em saúde da Família pela Universidade Federal do Ceará. Professora do curso de Psicologia do Centro Universitário INTA-UNINTA. Link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/4393473105684072>
Centro Universitário INTA - UNINTA, Sobral – CE, Brasil

Jeciane Lima da Silva

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. Neuropsicóloga. Especialista em Saúde Mental e Redução de danos. Mestrado em Desenvolvimento Socioeconômico pela Universidade do Extremo-Sul Catarinense (UNESC – em andamento). Professora do curso de Psicologia do Centro Universitário INTA-UNINTA. Link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/0389844892230718>
Centro Universitário INTA - UNINTA, Sobral – CE, Brasil

Thamyles de Sousa e Silva

Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário INTA (UNINTA). Especialista em Saúde Pública e da Família pela

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo discutir, por meio de um relato de experiência, acerca de um atendimento infantil em uma clínica-escola do interior do estado do Ceará, bem como, sobre as distintas formas como o racismo estrutural pode afetar o desenvolvimento de uma criança negra. Segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), lançado em 2010, o racismo causa impactos danosos, psicologicamente e socialmente na vida de toda e qualquer criança ou adolescente. Desse modo, torna-se urgente que a Psicologia possa discutir sobre tal temática. Este trabalho trata-se de um estudo descritivo, na modalidade relato de experiência, possui abordagem qualitativa na qual as experiências dos sujeitos são demasiadamente importantes para a pesquisa. Desse modo, refere-se a um relato de experiência de estágio de uma discente de psicologia em uma clínica-escola no interior do Ceará ou também dito como Serviço de Psicologia Aplicada (SPA). Como ferramentas foram utilizados recursos lúdicos sob a visão da abordagem analítico-comportamental. Como resultados pode-se notar que havia uma associação da negritude a elementos negativos e da branquitude a elementos positivos por parte do cliente. A criança não tinha acesso, em seu cotidiano, a conseguir enxergar uma representatividade negra com que se identificasse, como por exemplo, por meio de desenhos, fato que colaborava para que a associação citada perpetuasse. Conclui-se que a partir dessa vivência de estágio entendeu-se que tratar ainda na infância sobre racismo é de fundamental importância para que crianças negras consigam perceber sua representatividade. Reitera-se também a importância da atuação da Psicologia no combate ao racismo, é preciso que esteja atuante e colaborando na diminuição de opressões.

PALAVRAS-CHAVE: Atendimento infantil; Racismo; Psicologia.

CHILD CARE IN A CLINIC-SCHOOL IN THE INTERIOR STATE OF CEARÁ: EXPERIENCE REPORT

ABSTRACT: The present work aims to discuss, through an experience report, about child care in a school clinic in the interior of the state of Ceará, as well as about the different ways in which structural racism can affect the development of a black child. According to the United Nations Children's Fund (UNICEF), in 2010, racism causes harmful impacts, psychologically and socially, in the lives of each and every child or adolescent. Thus, it becomes urgent that Psychology can discuss about this theme. This work is a descriptive study, in the experience report modality, it has a qualitative approach in which the subjects' experiences are too important for the research. Thus, it refers to an internship experience report of a psychology student in a teaching clinic in the interior of Ceará or also known as Applied Psychology Service (SPA). As tools, ludic resources were used under the view of the behavioral-analytic

approach. As a result, it can be noted that there was an association between blackness and negative elements and whiteness with positive elements on the part of the patient. He did not have access, in his daily life, to be able to see a black representation with which he could identify, for example, through drawings, a fact that contributed to the perpetuation of the aforementioned association. It is concluded that from this internship experience, it was concluded that dealing with racism still in childhood is of fundamental importance for black children to be able to perceive that there is representation. The importance of the role of Psychology in the fight against racism is also reiterated, it must be active and collaborating in the reduction of oppression.

KEYWORDS: Child care; Racism; Psychology.

1 | INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo discutir, por meio de um relato de experiência, acerca de um atendimento infantil em uma clínica-escola do interior do estado do Ceará, bem como, sobre as distintas formas como o racismo estrutural pode afetar o desenvolvimento de uma criança negra. Por conseguinte, a discussão sobre tal vivência torna-se importante para que seja possível analisar as distintas particularidades existentes nos atendimentos em psicologia. Assim, é preciso ampliar a escuta psicológica e os locais que funcionem com graduandos em psicologia devem voltar-se para as realidades dos usuários, sendo de suma importância conhecer e questionar tais ambientes (LEVANDOWSKI, 1998).

Diante disso, com o objetivo de contribuir com a formação do discente surgem as clínicas-escola de psicologia que são serviços obrigatórios de acordo com a Lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962, em seu art. 16, a qual determina que os cursos de psicologia precisam ter serviços clínicos e nos quais possam existir aplicação à educação e ao trabalho, sendo dirigidos por professores (BRASIL, 1962). Nesse viés, torna viável que os graduandos possam ter a experiência prática da profissão que escolheram. Assim, as clínicas-escola surgem para que seja possível aplicar na prática as técnicas psicológicas e conhecimentos adquiridos em sala de aula, bem como, para possibilitar atendimento para grande parcela da população que não pode pagar por um serviço privado (PERES; SANTOS; COELHO, 2003).

Por conseguinte, é de suma importância trazer como a clínica psicológica foi constituindo-se no decorrer dos anos. Em seu início, apoiava-se no modelo médico no qual as intervenções eram muito mais voltadas para remediar e tratar, ou seja, um fazer higienista. Em decorrência disso, existia-se uma prática em que se buscava realizar uma adequação dos sujeitos, havia-se um fazer totalmente desvinculado de práticas políticas e sociais. No entanto, ao longo dos anos a psicologia precisou rever sua prática à medida que as desigualdades sociais se apresentavam de maneira ainda mais frequente. Para Moreira, Romagnoli e Neves (2007, p. 615):

O contexto social passou a adentrar os consultórios de forma a convocar os psicólogos a saírem dele, ou seja, para responder às novas formas de subjetivação e de adoecimento psíquico, o psicólogo deveria compreender

a realidade local. A Psicologia “tradicional” é “obrigada” a se redesenhar, tornando-se mais crítica e engajada socialmente.

Sendo assim, a psicologia passa a enxergar sua prática por meio da intersecção de vários saberes, entendendo que os diferentes conhecimentos e a compreensão das demandas sociais são imprescindíveis. Por conseguinte, torna-se relevante citar que se atentar a tais fatores é enxergar questões estruturais como o racismo. Neste trabalho será pontuado as distintas maneiras como o racismo pode fazer-se presente no cotidiano, relatando de forma específica os impactos gerados no desenvolvimento de uma criança negra por meio de alguns atendimentos psicológicos a partir de uma vivência de estágio.

Desse modo, é válido citar que “[...] a infância é a condição social que unifica as crianças como grupo etário e as coloca em experiências comuns, uma vez fazendo parte da mesma experiência histórica e cultura” (ARENHART, 2016, p. 33). No entanto, é imprescindível que não seja esquecido que cada criança terá vivências particulares e distintas umas das outras, bem como, os marcadores de raça, gênero e classe exercerão demasiada influência no que se refere as possibilidades que tais crianças encontrarão ao longo da vida.

Concomitante a isso, Silvio de Almeida afirma (2020, p. 21): “O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea.”. Ademais, estrutura-se nas relações cotidianas e afeta aqueles que são vítimas dessa estrutura, aumentando, assim, a probabilidade de maiores danos. Segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), lançado em 2010, o racismo causa impactos danosos, psicologicamente e socialmente na vida de toda e qualquer criança ou adolescente.

Afirma-se que o interesse pessoal para a escrita deste trabalho parte de um atravessamento no que se refere à maneira como foi possível fazer a intersecção entre teoria e prática, optando, assim, por relatar essa vivência pois observou-se que há pouca discussão acerca de temáticas como essa. Ou seja, realizar este trabalho é mostrar a potência que existe no atendimento psicológico quando se articula as diversas demandas sociais existentes com o saber da psicologia. A justificativa em discutir acerca dessa experiência refere-se à inserção da discente no serviço ao longo de seu período de estágio, tendo em vista que se trata de uma vivência rica em aprendizados e que colaborou de forma demasiada para um olhar mais crítico referente a prática psicológica.

Sendo assim, a Resolução nº 018/2002 do Conselho Federal de Psicologia estabelece normas para a atuação de psicólogos no que se refere ao preconceito e discriminação racial, afirmando em seu art. 1º que os psicólogos precisam agir de modo a contribuir na reflexão sobre o preconceito e eliminação do racismo, bem como, em seu art. 2º reiterando que não se deve utilizar de instrumentos ou técnicas que reforcem preconceitos, estigmas e estereótipos (CFP, 2002). Diante disso, afirma-se a relevância deste trabalho em discutir dentro do saber da psicologia voltando o olhar sobre as formas como o racismo tem se estruturado na sociedade, assim como, a respeito das consequências que pode gerar. Com isso, pautando-se na realização de uma atuação comprometida com as distintas realidades

existentes. Fato primordial para um fazer psicológico ético e sem estruturar-se em uma adequação do sujeito.

2 | METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de um estudo descritivo, na modalidade relato de experiência, que se define por valorizar a prática vivenciada e a riqueza da subjetividade humana (ALMEIDA; PORTELA, 2020). Possui abordagem qualitativa na qual as experiências dos sujeitos são demasiadamente importantes para a pesquisa, bem como, a realidade é construída de forma conjunta entre os participantes (PATIAS; HOHENDORFF, 2019, p. 2).

Desse modo, refere-se a um relato de experiência de estágio de uma discente de psicologia em uma clínica-escola no interior do Ceará ou também dito como Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), que de acordo com Farias e Vieira (2022, p. 159): “É um dispositivo que complementa a formação do aluno, ao mesmo tempo que promove o contato com a comunidade. Entre as atividades realizadas, tem-se: acolhimento, triagem, atendimentos individuais e atividades grupais.”.

A perspectiva teórica-metodológica que fundamentou este trabalho concerne a autores do campo da Psicologia e pesquisadores em temáticas referentes à raça e infância. A experiência ocorreu no segundo semestre de 2021 e primeiro semestre de 2022, através do acompanhamento de uma professora supervisora, profissional de Psicologia, atuante na referida instituição de ensino em que a discente realizou o estágio. Ao longo desse referido período foi possível realizar o acompanhamento de uma criança de 8 anos de idade, chegando ao serviço com queixas referentes a dificuldade em lidar com as diferenças, nesse caso, da dificuldade de aceitação da retirada do olho que a irmã precisou realizar em decorrência de um câncer. O estágio ocorria em apenas um turno por semana, com atendimento semanal, possibilitando uma maior vinculação terapêutica e progresso das evoluções do cliente.

Ao decorrer dos atendimentos foi necessário utilizar-se de alguns instrumentos e recursos lúdicos. Tais materiais são um meio de expressão para as crianças quando utilizados adequadamente (GADELHA; MENEZES, 2004). Ainda assim, deixava-se com que a criança pudesse expressar-se de forma própria por meio do brincar, para que fosse possível ter acesso a medos, questionamentos e angústias que, por vezes, a mesma não conseguiria verbalizar. Para a realização dos atendimentos em psicologia também é preciso a orientação sob o olhar de uma determinada abordagem teórica, neste caso, aqui trabalhou-se através da Análise do Comportamento que, para Tavares (2021), é uma abordagem que analisa o contexto no qual o indivíduo está inserido, considerando a psicoterapia como espaço para estimular o cliente a discriminar as situações em que é submetido, aumentando, assim, a auto-observação.

Desse modo, foram utilizados recursos lúdicos como forma de ter acesso aos eventos privados do cliente, obtendo as informações necessárias para o prosseguimento dos atendimentos. Segundo Naves e Ávila: “Na Análise do Comportamento, considera-se

que o comportamento de brincar permite novas interações do indivíduo com o meio, isto é, o contato com novas contingências.” (NAVES; ÁVILA, 2018, p. 188). Desta maneira, por meio de desenhos, vídeos e jogos foi possível realizar a identificação de comportamentos-alvo, o que os afeta e as consequências mantenedoras desse comportamento. O uso de elementos concretos como o desenho é de extrema relevância para obter informações, tendo em vista que é uma atividade lúdica frequentemente reforçadora para a criança e não precisa de um demasiado repertório verbal (FIGUEIREDO; NAVES, 2018).

Essa vivência foi mediada por meio de uma disciplina de Estágio Profissional I componente da grade curricular do oitavo período do curso de Psicologia. Tal disciplina é dividida em atividades teórico-práticas que proporcionam aos alunos a inserção na prática colaborando para um bom desenvolvimento profissional. Reitera-se que o estágio ocorre sob supervisão e que ao final do estágio precisa-se obrigatoriamente ser elaborado um relatório apontando assim pontos percebidos, intervenções realizadas e o manejo estabelecido com o cliente. Assim, através dessa vivência foi possível apontar potencialidades e fragilidades percebidas ao longo do estágio.

3 | REFERENCIAL TEÓRICO

O Brasil foi o último país a abolir a escravidão (NUNES, 2006). Um fato que reverbera em diversos âmbitos das vidas de pessoas negras até os dias atuais. Vive-se hoje as consequências da segregação que os negros sofreram no longo período da escravidão. Como consequência, a falta de políticas públicas hoje voltadas para essas pessoas reflete no que se tem hoje: racismo, violência e desigualdade (SANTOS, 2019). Desde muito cedo crianças negras entram em contato com comentários violentos acerca de suas características corporais, como a cor de sua pele, afetando a forma como enxergam-se.

O racismo passa a atuar por meio de perspectivas distorcidas acerca da cultura negra, fato que colabora para que meninos e meninas negros queiram ter cabelo liso, serem brancos, rejeitando características que os singularizam. Com isso, nota-se que as infâncias frequentemente são violentadas e apartadas de sua negritude, acreditando que precisam adequar-se a uma cultura eurocêntrica (SANTIAGO, 2019). Assim, com as crianças um espaço que passa a ser aversivo é a escola, de acordo com Alexandre (2017, p. 11): “As crianças brancas e negras aprendem que o “outro”, que não é representado na escola, não é somente invisível como também desconhecido, um subalterno. No imaginário ocidental construído, é que “humanos”, “civilizados”, “cultos” são os brancos.”. Dessa maneira, quando a escola silencia diante de questões raciais está colaborando para a reprodução de práticas racistas.

A escola é um dos primeiros espaços de socialização das crianças, assim, é de suma importância tratar acerca de questões que perpassem o racismo. Compreende-se que existe manutenção de desvantagens para grupos minoritários que afetam a forma como vivem suas vidas. Assim, trazendo também as vantagens que são usufruídas por grupos majoritários, como afirma Fanon (2008, p.26):

Não se pode tratar as questões relativas ao negro sem levar em consideração o seu outro: o homem branco. Homem esse que, não raro, tem sido o modelo a ser seguido como padrão acabado do ser humano, o espelho que foi/é imposto pelas potências colonialistas.

Por conseguinte, os processos envoltos a como cada sociedade pensa e se relaciona com a infância associa-se diretamente à concepção diante do que significa ser criança. Ademais, a infância vem sendo repensada e reescrita ao longo dos tempos. O desenvolvimento infantil é uma etapa fundamental, sendo os primeiros anos de vida importantes para o desenvolvimento físico, afetivo e intelectual (CAMPOS; CURY, 2009). Cuidar e educar dentro dos mesmos padrões que reverberam o desenvolvimento das crianças, permaneceram por muitos anos como sendo atribuições exclusivas das mães e/ou de mulheres que pertencem ao ciclo familiar.

A teoria e a ciência psicológica da infância estruturaram-se imersa em contextos políticos, sociais e culturais frente a demandas sociais. Desse modo, o interesse pelo estudo do desenvolvimento da criança formou-se valendo-se da necessidade de melhorar sua saúde, criação e educação. Para Niehues e Costa (2012, p. 284) antes “as crianças eram representadas como adultos em miniatura, sendo vestidas e expostas aos mesmos costumes dos adultos.”. Ao longo dos anos, foi-se percebendo que as vivências infantis são singulares e ímpares, não sendo possível a homogeneização dessas experiências. Com isso, o entendimento de tal pressuposto sobre a infância, rompe com um olhar meramente reducionista e comparativo entre modelos de infância existentes ou mesmo frente dinâmica daquilo que se observa nas vivências com o adulto.

No que se refere ao atendimento infantil, ao longo da história os pioneiros trabalhos clínicos com crianças desenvolvidos por Melanie Klein e outros diversos autores (OLIVEIRA, 2007), assim como em tantas publicações, a psicoterapia infantil empreende uma variedade de condicionalidades que em seu caráter primário nem sempre preenchem critérios diagnósticos como se pensa nos moldes da institucionalização clínica e social da psicologia.

A psicoterapia infantil configura-se como práxis imprescindível frente à demanda existente na contemporaneidade. Essa atuação mostra-se como um amplo espaço para produção e pesquisa científica no campo. Surge, assim, processos psicoterápicos estruturados para dar conta das demandas que devem ser pensadas cada vez mais contextualizadas (REGRA, 2000). Ou seja, diálogos que amplificam pesquisas interseccionais com variáveis filogenéticas culturais e sociais que atravessam a vida da criança, entendendo como são, ao passo que chegam aos atendimentos de psicoterapia infantil.

Nesse contexto, propor discussões acerca da psicoterapia infantil é também se ater a aspectos da cultura em que a sociedade atribui as formas de validar desde o choro ao brincar na infância (BRITO *et al.*, 2020). Verificar tais questões remete a necessidade e o espaço cada vez maior para a importância da psicoterapia infantil. Desde cedo abre-se um campo de intervenções frente a influência da cultura na vida das crianças e suas implicações nos encaminhamentos para a psicoterapia, bem como no desenvolvimento dos

atendimentos realizados com a criança.

Assim, se faz necessário criar espaços políticos e sociais para observar como a infância se entrelaça com as vivências e as relações sociais e culturais. Outro fator abordado a ser discutido dentro da temática é a compreensão do brincar na psicoterapia infantil. Segundo Brito *et al.* (2020), o brincar mostra-se como principal articulador para expressão da singularidade, ao que é simbólico e trazido pela criança. Assim, validar tais experiências abre a dimensão ludicidade no processo de psicoterapia infantil, como crucial ao entendimento das particularidades da criança e a construção de um vínculo sólido na psicoterapia.

4 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Impactos do racismo no desenvolvimento de uma criança negra

As diferenças estarão presentes em qualquer âmbito, entretanto, a forma como serão vistas tornam-se particulares para cada sujeito. Diante disso, faz-se necessário pontuar sobre como algumas percepções sobre uma única questão variam a depender do grupo. Ao falar sobre raça é preciso compreender que a reprodução de preconceitos reforça estereótipos (ALMEIDA, 2020), bem como, colabora para que alguns indivíduos se considerem superiores a outros em decorrência da forma como organizam-se.

Desse modo, a partir da experiência vivenciada pela discente pode-se compreender que a forma como o racismo afeta uma criança torna-se muito particular, visto que desde muito cedo diversas violências já são direcionadas ao sujeito sem sequer o mesmo compreender por quais motivos. Por exemplo, ao escutar determinados comentários a respeito da cor de sua pele e não conseguir discriminar o que legitimaria estar sendo alvo de tais falas. Por vezes a negritude é retratada como sinônimo de feiura (MOREIRA, 2020), fato que pode impactar em situações como o que foi escutado nesta vivência de estágio.

Quando solicitado sobre qual lápis de cor usaria para pintar sua pele, o cliente, de forma inicial, pegou o lápis dito como ‘cor de pele’, mas quando questionado se de fato era sua cor, mostrou-se pensativo, olhou para seu braço e disse: “A cor da minha pele é bege, não, pera! Marrom” (sic). Aqui é preciso afirmar que durante muitos atendimentos a criança não verbalizava a palavra ‘negro’, a primeira hipótese seria de que o cliente não tinha repertório verbal suficiente. No entanto, após alguns atendimentos, foi possível perceber que a palavra ‘negro’ era demasiadamente aversiva para ele. Com isso, somente conseguiu verbalizá-la após várias sessões e intervenções realizadas, que serão descritas no próximo tópico. Desse modo, retratando a violência que ocorre direcionada a corpos negros. Para Moreira (2020, p. 48):

A negritude está ligada a uma séria infinita de significações de caráter negativo do qual as pessoas procuram se fastar. As associações da negritude com a escuridão, com a falta de caráter e com a degradação moral estruturam a atitude de desagrado que pessoas brancas sentem em relação a negros.

Apartir disso, tornava-se nítido como havia uma associação da negritude a elementos negativos e da branquitude a elementos positivos. Para a criança branco significa beleza, já o preto, feiura. Quando mostradas imagens de crianças loiras, brancas e olhos azuis juntamente com crianças negras, cabelo crespo e olhos escuros, a criança afirmava que as mais bonitas eram as brancas. Com isso, afirmava-se o quanto ela almejava estar nessa posição de branquitude, para que, assim, conseguisse ter acesso a situações mais positivas que não possuía, como exemplo ao falar: “Querida muito ter olhos azuis, sabia que quando eu era pequeno eu tinha? Ai escureceu, todo mundo achava bonito”. Ou seja, para ele seria preciso ter características ditas de uma branquitude para que fosse elogiado. Ainda assim, recebia críticas dirigidas ao seu cabelo que afetavam de forma exacerbada sua autoimagem, com isso, os próprios colegas o excluía das brincadeiras, restando-lhe o âmbito privado, estar em casa tendo acesso a outras ferramentas que também colaboravam para a violência, como a televisão.

Algumas ferramentas têm contribuído bastante para que o racismo continue sendo colocado em prática como a televisão e o cinema (BERTH, 2019), criando significados sobre grupos minoritários e veiculando ideias da negritude como sendo inferior, como mulheres negras em papéis e empregadas domésticas e desenhos animados retratando personagens brancos, não existindo, dessa forma, a presença da raça. Nesse sentido, o próprio cliente sequer tinha acesso a desenhos com personagens negros, fato que colaborava para uma não representatividade e percepção de que pessoas negras apenas deveriam estar ocupando posições já colocadas pela mídia, de forma marginalizada e sendo excluídas.

4.2 O atendimento infantil e as possibilidades criadas no percurso

A interação junto à criança torna-se de fundamental importância para a construção do vínculo terapêutico, tendo em vista que colabora para a construção de um processo de confiança entre cliente e terapeuta (NETO; PINTO; OLIVEIRA, 2011). Existindo o vínculo, é mais provável o relato de situações, por parte do cliente, que por vezes não seriam ditas em outros espaços. Desse modo, um ambiente acolhedor e uma escuta não julgadora permite com que o processo terapêutico ocorra de forma mais efetiva.

Nesse sentido, a partir do vínculo construído foi possível a realização de algumas intervenções voltadas para os comportamentos-alvos relatados acima. Havia-se uma relação entre ‘ser negro – ser feio’ e ‘ser branco – ser bonito’. Com isso, ao utilizar-se do paradigma de equivalência de estímulos trazido por Sidman e Tailby (1982), foi possível denotar que não houve a necessidade de uma relação direta para que o cliente realizasse essa associação entre ‘negro – feio’, ou seja, que alguém o ensinasse. Ao longo da sua vida, foi relacionado a partir dos relatos, comentários e meios de comunicação que foi tendo acesso que a negritude estaria nessa posição de inferioridade.

Além disso, ao trazer também estudos relacionados à equivalência de estímulos a qual afirma que a habilidade de derivar relações entre eventos permitiria aos sujeitos relações entre os mais distintos eventos (HAYES *et al.*, 2002), foi possível ampliar o repertório do cliente no que se refere a perceber a existência da representatividade. Desse

modo, mostrando figuras de pessoas negras famosas, personagens negros de filmes, animações e desenhos, bem como, pontuando a pluralidade de forma demasiada. Assim, nos atendimentos buscou-se colaborar para que tais equivalências fossem rompidas, sendo possível que a criança não enxergasse o 'ser negro' de maneira negativa.

Sendo assim, nas intervenções realizadas com o cliente foi buscado relacionar a cor negra com atributos positivos por meio de fotografias de pessoas negras, assim como, foi buscado tentar ampliar o repertório do cliente. Assim, na tentativa de modificar as relações de equivalência que foram estabelecidas anteriormente, bem como, em uma tentativa de que a palavra negro pudesse ser associada a atributos ditos como positivos e não apenas, como ocorria, sendo relacionada a atributos negativos.

Concomitante a isso, por meio das intervenções realizadas de forma didática e lúdica, tentou-se mostrar ao cliente como alguns grupos ocupam lugares sociais privilegiados, restringindo oportunidades de outros (BERTH, 2019), assim como, o quanto tal fato tem colaborado para a perpetuação de privilégios de alguns enquanto de outros não. Ao avançar dos atendimentos foi de fato sendo rompida a associação da palavra 'negro' com características ruins. Certo dia os pais do cliente chegaram afirmando: "Ele esses dias viu uma criança rindo da outra por ser negra, aí disse que era errado e que ela podia ser presa, ele tem ficado muito atento a essas coisas agora."

A partir dessa fala, vale afirmar a importância do trabalho em conjunto realizado com a família, tendo em vista que os pais passaram a falar sobre tais temáticas em casa, inseriram na rotina do filho o contato com representatividades negras em desenhos, jogos e filmes, bem como, passaram a falar mais em casa sobre o racismo. Tais fatos tornaram primordiais para o desenrolar dos atendimentos e para a evolução do cliente. O engajaram-se de forma efetiva no desenvolvimento da criança permitiu alterações na forma como a criança se enxergava.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, com este relato de experiência foi possível discutir acerca de um atendimento infantil em uma clínica-escola do interior do estado do Ceará, bem como, sobre as distintas formas como o racismo estrutural pode afetar o desenvolvimento de uma criança negra. Desse modo, contribuindo para a formação da discente e, também, trazendo possibilidades de um manejo comprometido no que se refere ao fazer psicologia. Foi possível concluir que trazer para os atendimentos intervenções que mostrassem as distintas cores de pele, bem como, a existência de diversos corpos negros, colaborou demasiadamente para que o cliente consiga perceber sua representatividade.

Além disso, ao ser questionado sobre qual a cor de sua pele o mesmo afirmou ser negro, uma palavra que, como dito anteriormente, o cliente sequer conseguia verbalizar. Com isso, percebeu-se a efetividade das intervenções. As associações existentes foram sendo rompidas, assim, cedendo lugar a novas percepções que permitiram uma maior possibilidade de existência e de reconhecimento enquanto uma pessoa negra.

A partir dessa vivência de estágio concluiu-se que tratar ainda na infância sobre racismo é de fundamental importância para que crianças negras consigam perceber que há representatividade, ou seja, para que vejam outras pessoas também como referências, com a cor da pele igual a sua, o cabelo e a cor dos olhos. Ainda assim, é preciso que se reconheçam a partir de suas próprias características, sendo possível olhar-se de forma a compreender a própria representatividade a partir de si.

Assim, tendo a possibilidade de crescer em um meio que ofereça formas de construção da sua autoestima dentro de uma comunidade verbal que não negligencie questões como o racismo. Por isso, também a importância do trabalho realizado em conjunto com a família, colaborando, assim, para que a criança construa relações respeitadas consigo e com aqueles que o cercam.

Nesse sentido, vale citar que é de suma importância tratar acerca de tal temática dentro do âmbito escolar, tendo em vista que, como citado anteriormente, é um meio que, por vezes, torna-se omissivo a essas questões. É demasiadamente relevante que possam ser trabalhadas formas de diminuir as consequências violentas que o racismo gera, por isso, a necessidade de que sejam pensadas formas de trazer tal tema para dentro do ambiente escolar. Ademais, para que seja possível que a criança negra tenha uma boa relação dentro desse espaço, bem como, sendo respeitada pelos colegas.

Por conseguinte, afirma-se que a experiência de estágio relatada neste trabalho foi de fundamental importância para a formação da discente, permitindo a existência de olhares mais ampliados no que se refere a atuação da Psicologia. Ademais, compreendendo que existem inúmeras possibilidades de luta e resistência perante diversas violências. Sendo assim, foi notável a evolução do cliente ao longo do processo psicoterápico. Desse modo, reitera-se também a importância da atuação da Psicologia no combate ao racismo, é preciso que esteja atuante dentro de questões como essa, colaborando na diminuição de opressões, assim como, pautando-se em uma prática ética apoiada no respeito aos direitos humanos, atenta as desigualdades e as violências direcionadas a grupos que são subalternizados.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, I. J. “Aquela preta não é minha amiga!”: interação e socialização de crianças haitianas nas escolas de educação infantil em Sinop/MT. Trabalho apresentado no GT-21- Educação e Relações Étnico-Raciais. **Anais da 38ª Reunião Científica da ANPEd**. São Luís-MA. ISSN: 1298, 2017.

ALMEIDA, N. B.; PORTELA, M. V. Z. A força do silêncio na criança: um relato de experiência. **Revista Subjetividades**, v. 20, n. 2, p. 1-10, 2020.

ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro. Editora Jandaíra, 2020.

ARENHART, D. **Culturas infantis e Desigualdades Sociais: questões de geração e classe social em duas escolas cariocas**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2016.

BERTH, J. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro. Pólen, 2019.

BRASIL. Lei nº 4.119, que dispõe sobre a formação em Psicologia e regulamenta a profissão de Psicólogo. Brasília, DF, 1962.

BRITO, R. A. C.; MONTEZUMA, S.; MELO, A. K.; MOREIRA, V. A psicoterapia no *setting* clínico: uma revisão sistemática de literatura. **Contextos Clínicos**, v. 13, n. 2, 2020.

CAMPOS, A. P. S.; CURY, V. E. Atenção psicológica clínica: encontros terapêuticos com crianças em uma creche. **Paideia**, v. 19, n. 42, p. 115-121, 2009.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução nº 018, que estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação ao preconceito e à discriminação racial. Brasília, DF, 2002.

FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EdUFBA, 2008.

FARIAS, I. C.; VIEIRA, C. A. L. Encaminhamentos da Atenção Básica a uma Clínica-Escola de Psicologia. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 14, n. 1, p. 157-169, 2022.

FIGUEIREDO, C., NAVES, A. R. C. X. O uso do desenho na avaliação de repertórios comportamentais de crianças. **Teoria e Formulação de Casos em Análise Comportamental Clínica**. Porto Alegre: Artmed, p. 214-237, 2018.

GADELHA, Y. A.; MENEZES, I. N. Estratégias lúdicas na relação terapêutica com crianças na terapia comportamental. **Univ. Ci. Saúde**, Brasília, v. 2, n. 1, 2004.

HAYES, S. C.; NICCOLLS, R.; MASUDA, A.; RYE, A. Prejudice, terrorism, and behavior therapy. **Cognitive and Behavioral Practice**, v. 9, p. 296-301, 2002.

LEVANDOWSKI, D. C. Caracterização da população atendida por clínicas-escola: Breve revisão da literatura nacional. **Torre de Babel**, v. 5, p. 87-110, 1998.

MOREIRA, A. **Racismo Recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro. Editora Jandaíra, 2020.

MOREIRA, J. O.; ROMAGNOLI, R. C.; NEVES, E. O. O surgimento da clínica psicológica: da prática curativa aos dispositivos de promoção da saúde. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 27, n. 4, p. 608-621, 2007.

NAVES, A. R. C. X., ÁVILA, R. R. A formulação comportamental na terapia analítico-comportamental infantil. **Teoria e Formulação de Casos em Análise Comportamental Clínica**. Porto Alegre: Artmed, p. 185-213, 2018.

NETO, R. O. R.; PINTO, A. C. T.; OLIVEIRA, L. G. A. Acompanhamento terapêutico: história, clínica e saber. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 31, n. 1, p. 30-39, 2011.

NUNES, S. S. Racismo no Brasil: tentativas de disfarce de uma violência explícita. **Psicologia USP**, v. 17, n. 1, p. 89-98, 2006.

NIEHUES, M. R.; COSTA, M. O. Concepções de infância ao longo da história. **Rev. Técnico Científica**, v. 3, n. 1, p. 284-289, 2012.

OLIVEIRA, M. P. Melanie Klein e as fantasias inconscientes. **Winnicott E-prints**, v. 2, n. 2, p. 81, 2007.

PATIAS, N. D., HOHENDORFF, J. V. Critérios de qualidade para artigos de pesquisa qualitativa. **Psicol. estud.**, v. 24, 2019.

PERES, S. R.; SANTOS, M. A.; COELHO, H. M. D. Atendimento psicológico a estudantes universitários: Considerações acerca de uma experiência em clínica-escola. **Estudos de Psicologia**, v. 20, n. 3, p. 45-57, 2003.

REGRA, J. A. G. Formas de trabalho na psicoterapia infantil. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 2, n. 1, p. 79-101, 2000.

SANTIAGO, F. GRITOS SEM PALAVRAS: resistências das crianças pequenininhas negras frente ao racismo. **Educação em Revista**, [s.l.], v. 31, n. 2, p. 129-153, 2019.

SANTOS, T. C. As consequências da escravidão na história do negro no Brasil. **Diamantina Presença 'Educação e Pesquisa'**, v. 2, n.1, p. 47-57, 2019.

SIDMAN, M.; TAILBY, W. Conditional discrimination vs. matching to sample: An expansion of the test paradigm. **Journal of the Experimental Analysis of Behavior**, v. 37, n. 1, p. 5-22, 1982.

TAVARES, F. M. F. Atendimento clínico pelo viés da Análise do Comportamento. **Revista Gênero e Interdisciplinaridade**, v. 2, n. 3, p. 366-380, 2021. ISSN: 2675-7451.

UNICEF, Fundo das Nações Unidas para a Infância. **Impacto do racismo na infância**. Brasília, 2010.